

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA
CURSO DE TEATRO - LICENCIATURA

Sheila Luciana Gomes da Silva

EU TE EDUCO, TU ME EDUCAS
A saga de uma turma de teatro
apaixonante e apaixonada

Porto Alegre
Dezembro
2010.

Sheila Luciana Gomes da Silva

EU TE EDUCO, TU ME EDUCAS
A saga de uma turma de teatro
apaixonante e apaixonada

Trabalho de Conclusão do Curso
de Licenciatura em Teatro
Orientação: Prof.Dra Vera Lúcia Bertoni dos Santos

Porto Alegre
Dezembro
2010.

Agradeço a Universidade Federal do Rio Grande do Sul por nos oferecer este curso de licenciatura em Teatro, que nos leva a multiplicar o nosso amor pela arte teatral.

Agradeço a minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Bertoni do Santos, por me inspirar, bem antes de conhecê-la, e por me auxiliar em todo este trabalho.

Agradeço a unidade Sesi Esteio pela oportunidade de desenvolver este trabalho junto aos seus alunos.

Agradeço as coordenadoras, da unidade Sesi Esteio, Liége Teixeira, Jaqueline Baum e Cintia Costa, pelo apoio ao projeto.

Agradeço aos alunos participantes do projeto e da montagem, pela dedicação e empenho aqui investidos.

Agradeço ao meu namorado, o ator Diego Farias, e a minha colega, a atriz e diretora Patricia Maciel, pois sem eles esse trabalho não seria possível.

Agradeço aos meus familiares, amigos e colegas pelo incentivo, apoio e pensamentos positivos.

Há quem diga que todas as noites são de sonhos. Mas há também quem garanta que nem todas, só as de verão. Mas no fundo isso não tem muita importância. O que interessa mesmo não são as noites em si, são os sonhos. Sonhos que o homem sonha sempre. Em todos os lugares, em todas as épocas do ano, dormindo ou acordado. (Shakespeare)

O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. Por isso os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos. (Rubem Alves)

Sumário

Resumo	06
Introdução	07
Capítulo 1 – Encontrando Romeu e Julieta	12
1.1 Passos do processo	12
1.2 Oficina de <i>Arte e Cultura</i> : Onde tudo começou.	14
1.3 Filmes, as inspirações	17
1.1 Sentindo o processo	20
Capítulo 2 – Quando o “apaixonamento” me tocou	21
Capítulo 3 – O olhar de Romeu e Julieta	25
3.1 O enredo da peça original	25
Capítulo 4 – O processo e a espontaneidade	27
4.1 A atitude reflexiva do educador	27
4.2 Oficina	27
4.3 A escolha do Texto	33
4.4 Afinando o espetáculo	34
4.5 Emoções do processo	35
Capítulo 5 – Conclusões do processo	37
Referências	40
Anexos	41

Resumo

O presente trabalho propõe-se a investigar o processo de montagem do texto *Romeu e Julieta*, realizado pela turma do curso de aprendiz técnico de instalação residencial a gás do grupo SESI FIERGS do município de Esteio, procurando responder a questão: o que levou uma turma do curso de aprendiz técnico a se apaixonar pela montagem teatral *Romeu e Julieta*? A pesquisa também se ocupa de pensar os diferentes “Aspectos da Espontaneidade”, da teoria de Viola Spolin, identificando como eles foram vivenciados, na prática, durante a oficina e a montagem teatral, pelos integrantes do grupo. Foram registradas aqui as circunstâncias deste projeto bem como as expectativas e as emoções vividas durante o processo de trabalho.

Palavras-chave: improvisação; processo criativo; montagem teatral.

Introdução

Sou educadora, com formação inicial no Curso de Magistério, há aproximadamente dez anos. Já lecionei na Educação Infantil por cinco anos, sendo, nesse tempo, professora de Jardim da Infância e professora de Teatro e Expressão corporal, em diferentes instituições privadas de pequeno e médio porte. Por quatro anos lecionei no Ensino Fundamental de uma escola de periferia, sendo funcionária do Estado do Rio Grande do Sul, e hoje sou responsável pela disciplina de *Arte e Cultura* em uma escola do grupo Serviço Social da Indústria (SESI), da Fundação da Indústria do Estado do Rio Grande do Sul (FIERGS), do Município de Esteio, no RS, atendendo as diferentes idades abrangidas pelo projeto (de seis a dezessete anos).

O SESI é uma organização de direito privado, criada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) em 1946, com o intuito de contribuir para o fortalecimento da indústria e o exercício da responsabilidade social, prestando serviços integrados de educação, saúde e lazer, através de projetos sociais voltados à melhoria da qualidade de vida. Dessa forma, o SESI garante aos trabalhadores da indústria e às suas famílias, o acesso facilitado a recursos sociais da maior importância, tais como: Educação, Saúde, Lazer, Cultura, Desenvolvimento Humano e Assistência Econômica.

O trânsito por essas variadas áreas da educação me fez ver e vivenciar algumas diferentes maneiras de educar. Diferentes momentos de minha carreira profissional e múltiplas experiências puderam me fazer compreender alguns movimentos interessantes dos espaços educacionais. Pude perceber, por exemplo, as diferentes maneiras de como os educadores desenvolvem seus trabalhos, os diferentes tipos e níveis de envolvimento de cada um, as infinitas formas de como esses profissionais desenvolvem as suas aulas e os seus conteúdos e os vários olhares sobre a arte presentes nos estabelecimentos e nos profissionais da educação.

Essa experiência tão rica me fez refletir, desde o início da docência, sobre as formas que os educadores têm de conquistar seus alunos. E este é o impulso do meu Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Teatro,

através do qual reflito sobre o processo de montagem teatral que envolve um grupo de alunos da turma de Instalação Residencial a Gás – SESI – FIERGS / 2010. Nesse sentido, indago sobre as razões que levaram os sujeitos desse processo, ou seja, eu e os meus alunos, a apaixonarem-se por uma proposta de trabalho teatral.

Pergunto-me como é que um grupo que aparentemente não teria afinidades com tal proposta, pois esses jovens fizeram uma opção de curso prático e tecnológico, envolve-se e apaixona-se tanto por uma proposta de montagem teatral? O que os levou a acionarem sua sensibilidade e seu potencial criativo e colocá-los em prática? O que os encantou? Que identificações esses jovens encontraram na proposta? O que mobilizou seus interesses?

Na pesquisa junto a esses jovens busquei investir esforços na intenção de encontrar algumas respostas para essas e as outras perguntas que foram surgindo. Assim, imagino que muitos questionamentos ficarão “no ar”, pois a prática docente está sempre cheia de questionamentos. Reflito sobre o tema junto às linhas do artigo intitulado *Teatro na Educação*, de Maria Clara Machado, que considera que o objetivo do teatro é:

Despertar no aluno a necessidade de uma atitude criadora é a grande tarefa do professor, é chamar a atenção sobre sua capacidade de inventar e de transformar (MACHADO, 1972)¹.

Este é o assunto que desejei explorar, ou seja, resolvi pensar sobre como a turma de jovens em questão se envolveu e se encantou com a proposta de montagem teatral, ou seja, busquei compreender como se desenrolou o processo de montagem, com suas angústias, inquietações, necessidades e o tudo mais que envolve um processo sensível.

Ainda no artigo de Machado, encontro inspiração para meu pensamento sobre educação:

¹ Disponível em:
http://www.bernardojablonski.com/pdfs/graduacao/teatro_na_educacao.pdf

Educar é fazer a criança abrir os olhos para o mundo que a rodeia e dar-lhe a possibilidade de se maravilhar com cada nova descoberta que ela mesma vai fazendo do mundo que a cerca. Esta capacidade, hoje, só o poeta conserva. O que é uma pena! Sensível para o mundo que descobre, a criança será também sensível para os outros homens, para as ciências, para as artes, para o prazer de viver (MACHADO, 1972)²

Na minha prática como professora de teatro, acredito e procuro exercitar esse modo de ser educador, assim como Paulo Freire pontua:

(...) contribuo para criar e forjar a escola feliz, a escola alegre. A escola que é aventura, que marcha, que não tem medo do risco, por que recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, se adivinha, a escola que apaixonadamente diz sim à vida (FREIRE, 2001, p.86).

Dessa forma, conduzindo e deixando-me conduzir pelos alunos e suas paixões, desenvolvo minhas aulas e projetos, propondo novos desafios e descobertas (a mim e a deles), estas muitas vezes bem distantes daquilo que eu imaginava a que eles chegariam. Então, a partir do registro e da pesquisa sobre esse projeto em específico, busquei descobrir se a minha conduta contribuiu para este despertar sensível dos alunos para o teatro, ou se tais descobertas já aconteciam e eu apenas ajudei-os a praticar.

Relaciono o processo vivenciado pelos alunos da turma do curso técnico, com os quais trabalhei, ao misterioso caminho do amor percorrido por *Romeu e Julieta*, esta obra renomada de William Shakespeare. Ambos mostram a busca pela identificação no outro, a busca por realizar seus desejos, o questionamento dos valores da sociedade que os cerca. Estes são aspectos presentes na obra e vivenciados pela maioria dos adolescentes pertencentes a esse grupo.

Romeu e Julieta buscavam um ao outro, bem como nós – os alunos e a professora – buscamos realizar este projeto, ou seja, concretizar um desejo. Nosso trabalho seguiu caminhos difíceis e felizes, tais quais os descritos na obra. O “apaixonamento” deu-se e então a busca por realizar esse desejo se desenvolveu. As dificuldades também apareceram, mas muito amor ficou pelo

² idem nota da página anterior.

ar, até romances reais se desenrolaram nessa trama. Mas então qual foi o caminho encontrado para que os meus alunos embarcassem nesse amor? Como a intereção entre os alunos e a obra dramaturgica afetou estes jovens? A saga de uma turma apaixonante e encantadora, suas descobertas, lutas e glórias estão refletidas neste trabalho.

“Sabemos o que somos, mas não sabemos o que poderemos ser” (SHAKESPEARE, 1978). Então ao final deste trabalho no que nos transformaremos?

O objetivo geral do trabalho é registrar o processo da montagem inspirada no texto *Romeu e Julieta*, pela turma do Curso de Instalação Residencial a Gás. Como objetivos específicos, destacam-se: investigar os fatores que levaram a referida turma a apaixonar-se pelas aulas de teatro; refletir sobre o processo de desenvolvimento da sensibilidade artística dos alunos citados; evidenciar a promoção do apreço pela arte teatral; reconhecer e estimular as diferentes aptidões evidenciadas pelos indivíduos da citada turma.

A proposta de pesquisa desenrolou-se paralelamente à montagem do texto clássico de William Shakespeare, *Romeu e Julieta*, realizada com uma turma de 2010 do Curso Técnico em Instalação a Gás, do Grupo SESI – FIERGS, do município de Esteio.

Sendo assim, o processo analisado neste trabalho dá-se a partir do encantamento surgido, tanto nos alunos como em mim, enquanto professora da disciplina de *Arte Cultura* deste grupo. A turma, desde as primeiras aulas, foi se apaixonando e se entregando para as propostas teatrais. Sua disponibilidade e avidez sempre chamaram a atenção de todos os professores, mas em minhas aulas, onde as propostas são amplas, os seus integrantes experimentaram práticas teatrais, e aos poucos foram se apropriando dos conteúdos teatrais e se encantando com as novidades surgidas na relação de sala de aula.

Esse grupo em especial apresenta grande sensibilidade e disponibilidade. Sendo assim, fui-me “aproveitando” dessas características e, pouco a pouco, pude aprofundar os exercícios. Chegando então à análise de textos dramáticos, dentre eles *Romeu e Julieta*; que acabou ganhando a simpatia dos alunos, que, de imediato, já foram sugerindo ideias de adaptação e de montagem.

Percebi, desde o primeiro momento junto a esses alunos, estar diante de algo bastante novo, passei a pensar na possibilidade de desenvolver um processo de criação e montagem cênica. Pois até aquele momento, minha experiência de montagem teatral, como professora de séries iniciais (médio, em Magistério) era restrita, apenas apresentações de encerramento de ano letivo, ligadas a festividades do calendário escolar, ou seja, ainda não havia surgido a possibilidade de coordenar um processo que partisse de um texto dramático. As palavras de Freire sobre a relação educativa ilustram o meu sentimento diante dessa possibilidade:

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria (FREIRE, 2001, p.36)

No decorrer do trabalho foi acionado em mim esse sentimento de esperança e alegria pois senti que estava diante de algo que parecia transcender os processos comumente vivenciados na instituição escolar. Foi então que, após o processo inicial, tive a certeza da minha primeira impressão. Percebi que no decorrer das aulas a turma ia se envolvendo, se emocionando, se apaixonando pelo tema e pela pesquisa, passei a perguntar-me, por que não registrar esses fatos e trazê-los a público? Por que não compartilhar com outros colegas as minhas descobertas e tentativas com esse grupo que para mim é tão especial?

Quero trazer meu testemunho como professora, com base nos questionamentos que me fiz e me faço a respeito do processo. Como se deu este apaixonamento? Que fatores contribuíram para o desenvolvimento do todo? De que forma cada aluno vê esta possibilidade de desenvolvimento da arte teatral? De que forma a escola, sendo ela, um centro técnico, acolhe este processo sensível e criativo? E de que maneira as aulas de teatro contribuem neste processo educacional tecnológico?

Trago os resultados da minha pesquisa neste Trabalho de Conclusão de Curso porque eu me apaixonei pela proposta e meus alunos também. Quero

registrar esse processo na intenção de convidar outros educadores a se apaixonarem.

Capítulo 1

Encontrando Romeu e Julieta

A pesquisa que deu origem a este trabalho deu-se concomitantemente ao processo de montagem da peça *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, que foi escolhida, após quatro meses de oficina de iniciação teatral, pelos alunos da turma do Curso Técnico de Instalação Residencial a Gás do SESI – FIERGS de Esteio / 2010.

Nesse sentido, busco refletir inicialmente sobre os registros de relatos acerca das expectativas dos alunos e da coordenação da escola, coletados antes da realização do trabalho, e de relatos da apreciação dos seus resultados, coletados após o encerramento da montagem.

Para tanto, desenvolvi uma análise das situações surgidas durante os ensaios e durante toda a criação do espetáculo, na qual reflito sobre as facilidades e dificuldades encontradas por mim, enquanto professora e diretora, e pelos alunos, enquanto atores.

1.1 Passos do processo

O projeto para a realização da pesquisa foi idealizado a partir de uma oficina implementada nas aulas de *Arte e Cultura*, cuja proposta era apresentar diferentes formas de expressão artística e escolher uma para ser aprofundada. A forma eleita pelos alunos, neste caso, foi a arte dramática. Iniciou-se então a oficina de iniciação teatral.

Após três meses de trabalho foi escolhido o texto a ser montado. Esse foi eleito dentre diferentes propostas, sugeridas pelos alunos, sendo que minha ideia inicial era outra, mas a identificação deles deu-se a tal ponto que então acabaram atuando como advogados de defesa do texto, fazendo propostas de inovação para montagem.

O processo de trabalho específico com a peça iniciou-se com a leitura de diferentes trechos da tradução original do texto. Buscamos também assistir filmes que representassem, que se inspirassem ou que se reportassem à obra. Os filmes escolhidos foram: *Romeu e Julieta* de Baz Luhrmann (1996) e *Maré, a nossa história de amor*, de Lucia Murat (2007). Tais obras fascinaram os alunos e ampliaram a vontade de montar a peça.

Com várias referências sobre a obra a ser trabalhada, os alunos puderam escolher as cenas que mais lhes interessaram. De modo geral eles se identificaram com os trechos musicados, que foram o estopim para desenvolver a montagem. Várias cenas coreografadas foram improvisadas e montadas. Com algumas cenas “desenhadas”, a partir de improvisações, introduzi pequenos textos – “falas”, que eram bem próximas às improvisadas por eles - , ou seja, apenas fui adicionando, pouco a pouco, alguns trechos e palavras que se faziam necessários ao entendimento da trama.

Quando o processo já estava encaminhado foi que resolvi registrar o que se passava com aquele grupo, então decidi colher algumas opiniões sobre as expectativas dos seus integrantes a respeito do trabalho, o que foi muito proveitoso, pois pude verificar, de maneira objetiva, como eles estavam envolvidos com a proposta. A coordenação do Curso também foi entrevistada para registrar qual era a visão da instituição a respeito do que se estava desenvolvendo.

O registro do processo foi feito paralelamente ao trabalho que se desenvolvia: aos vídeos, fotos e anotações, que também compõem o registro. Assim, a apresentação da montagem foi registrada com fotos e vídeos, e também foi objeto de transcrição, análise e reflexão.



Caminhando pela sala.

1.2 Oficina de *Arte e Cultura*: onde tudo começou

Os sujeitos participantes da pesquisa são frequentadores do “Programa Novos Horizontes”, que constitui uma iniciativa do SENAI/RS e Sesi/RS, que promovem a inclusão social de jovens em situação de vulnerabilidade social, levando à melhoria da qualidade de vida, por meio de ações que contribuem para formação pessoal e profissional.

Um dos objetivos desse Programa é a adoção de novos hábitos e atitudes de convivência e cidadania por parte dos jovens envolvidos. As turmas são constituídas por aproximadamente 20 alunos, em idades entre 15 e 17 anos, de ambos os sexos, com renda familiar de até dois salários mínimos, escolaridade mínima de 5ª série já concluída e que estejam matriculados no ensino regular.

O Programa possui a duração de 800 horas, das quais 320 horas são operacionalizadas pelo Sesi/RS para o desenvolvimento das atividades socio-educativas e 480 horas são operacionalizadas pelo SENAI/RS para o desenvolvimento das atividades profissionalizantes. Destas 320 horas, 56 horas são destinadas à disciplina de *Arte e Cultura*. Ou seja, esta é a carga horária das minhas aulas, nas quais procuro desenvolver projetos na área de artes, ligados ao desejo dos alunos.

A turma da quinta-feira do Curso de Instalação Residencial a Gás de pronto interessou-se pelos exercícios de teatro levados por mim. Ao perceber tal vontade fui aprimorando as propostas. Conhecendo melhor o grupo fiquei sabendo das diferentes influências que traziam da sua experiência na escola e na vida: alunos que gostavam de *hip hop*, dança de salão e músicas tradicionalistas; alguns dos quais já haviam participado de oficinas de teatro. Enfim, alunos que, de modo geral, já se interessavam pela expressão e pelo movimento.

Com o desenrolar do processo o grupo foi cada vez mais se integrando às propostas, mesmo os poucos alunos que, podemos dizer, gostaram menos das propostas, trabalham nas atividades coletivas e tratam com respeito o restante do grupo.

Esta foi minha primeira observação positiva deste grupo: a maneira com que ele desenvolvia as atividades, demonstrando interesse e respeito tanto por quem está dentro quanto por quem está fora da proposta.

Após algumas aulas de iniciação teatral ofereci a esse grupo alguns textos para serem analisados, entre eles *Romeu e Julieta*, de Shakespeare. O texto já era conhecido por alguns, por ter sido explorado na aula de literatura na escola formal, e mesmo num momento da minha aula, em que eu enfocara o autor como um exemplo de empreendedorismo de sua época. Tal enfoque foi desenvolvido junto às turmas que atendo, na intenção de buscar, dentro da história teatral um exemplo de alguém que tivesse realmente acreditado nos seus sonhos e investido neles, já que este é um dos focos do trabalho com adolescentes nesta instituição. Shakespeare foi um destes sonhadores, buscou aperfeiçoar sua dramaturgia, inovou até mesmo na arquitetura de sua maquinaria cênica e também em seu teatro, que foi ator e administrador da companhia "The Lord Chamberlain's Men", sendo assim um bom exemplo de empreendedorismo de sua época.

Quanto a sua obra, explorada no presente trabalho, encontramos comentários como este.

No quesito fama (...) a campeã é *Romeu e Julieta*. Foi redigida portanto antes dos principais dramas. Harold Bloom chama atenção para o fato de que a popularidade da peça talvez tenha "ofuscado" os olhos de muitos críticos, que não conseguem enxergar nela nada mais que uma tragédia adolescente. O enredo é conhecido por todos: por causa do conflito entre duas famílias, um casal de jovens apaixonados não pode ficar junto. O desenlace, meio previsível, é a morte dos dois, depois de uma série de reviravoltas cheias de aventuras do tipo "capa e espada"(LÍSIAS,n9, p.20).

Outro aspecto que enfatizei refere-se à perenidade da obra de Shakespeare, pois suas temáticas falam da alma humana, independente do seu tempo.

O amor é um tema que transcende a história, independente de grupo social, fatores econômicos e civilizações (LAZZAROTTI, BRAGA, 2009)³.

³ Disponível em:

<http://guaiba.ulbra.tche.br/pesquisas/2009/artigos/letras/salao/467.pdf>

Enquanto escolhia os textos, pensei que os alunos se interessariam pelo *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna (2005) por ser uma comédia, mas me enganei, pois logo que o exercício de leitura acabou os alunos começaram a dar ideias de como seria uma versão moderna de *Romeu e Julieta*. As ideias foram surgindo e a empolgação também; muitas das cenas que foram ao palco são produtos dessas sugestões. Essa escolha deveu-se à empatia imediata, como ocorreu com os jovens protagonistas dessa obra. Cito um trecho analisado, no qual encontro identificações com nosso processo de apaixonamento.

O amor que Julieta sentiu por Romeu no momento em que seus olhares pousaram um no outro, sem saber que se tratava de um Montechio inimigo, foi tão profundo e intenso que resistiu às conveniências da sociedade da época e aos infortúnios que se sucederam. Foi o mesmo amor que curou o coração de Romeu, que acordou para uma nova paixão, ainda mais forte e intensa, mesmo sabendo de que se tratava da filha do grande Capuleto, inimigo mortal de sua família (LAZAROTTI e BRAGA, 2009,p)⁴.

Nosso encanto pela obra e suas possibilidades se deu também desta forma, ao “pousar os olhares um no outro”, sem necessariamente saber o que nos esperava e ao “resistir às conveniências da época”, a nós se aplicando nos momentos que fizemos mais barulho que o convencional, que transcendemos o que se definia nos padrões esperados.

Esse trecho nos pontua o fato principal dessa obra, que me parece ser o que se identifica com muitos dos adolescentes. Esta busca da paixão, de um amor salvador, de um referencial, no qual se possa nesse processo questionar a sociedade e os valores que a rodeiam, teria melhor forma de que um amor impossível entre jovens de famílias rivais? Entendo que essa obra, sempre contemporânea, fala diretamente aos corações juvenis. Um fato real que me fortaleceu a identificação da obra com esse grupo de adolescentes é que durante o desenrolar das aulas dois casais se formaram na turma, realmente o amor esteve no ar e afetou as vidas fora de cena.

⁴ idem página anterior.

1.3 Filmes, as inspirações

Uma das formas de trazer aos alunos referências sobre uma obra é o cinema, pois assistir a filmes é uma maneira de falar a linguagem deles.

O primeiro filme que levei para a turma foi *Romeu e Julieta* de Baz Luhrmann (1996), produção norte-americana, que deu grande destaque ao ator Leonardo di Caprio. Nessa versão da peça de Shakespeare, o cenário é Verona Beach, uma cidade fictícia, onde, os Capuleto e os Montéquio, duas famílias que sempre se odiaram, alimentavam rixas sem cessar; mas o ódio entre as famílias não impediu que Romeu, um Montéquio, apaixona-se por Julieta, uma Capuleto. Entretanto, uma apresentadora de televisão anuncia que esse amor profundo acabaria gerando trágicas consequências, em virtude dessa insana rivalidade familiar.

Seguindo a dramaturgia original o diretor nos dá elementos da modernidade através de uma estética atual: praia, figurinos contemporâneos, armas de fogo, carros, enfim, informações próximas a nós, jogam o clássico na nossa época.

O primeiro impacto junto ao grupo foi grande. Alguns alunos já haviam assistido, outros não, mas todos, de alguma forma, conseguiram alcançar a grandeza dessa obra e se emocionar.

Durante a análise do que havíamos visto, pude perceber que os alunos gostavam da linguagem utilizada: as falas próprias do texto original e todo o contexto atual fizeram com que conseguissem “ler” o filme, se aproximar do drama elizabetano.

Esse filme ajudou-me a presentificar o texto de Shakespeare; ou seja, de forma ágil, os alunos passaram a conhecer a obra, as falas, as personagens, as clássicas cenas e o seu contexto.

Mas mal sabia eu que o acaso me reservava uma surpresa interessante. Como os alunos queriam trazer a dança para a montagem, comecei a procurar filmes musicais para ampliar nossas referências. Foi quando encontrei, por acaso, o filme *Maré, a nossa história de amor*, da brasileira Lucia Murat (2007). Levei-o para casa e, ao assisti-lo, a emoção tomou conta de mim, como na mágica teatral, onde tudo pode se realizar de um momento para o outro. Soube

naquele instante que aquela seria nossa base, pois era o incentivo que precisávamos. Assim como Julieta passou a ser a luz de Romeu, esse filme passou a ser a nossa luz. Ele trazia tudo o que sonhávamos por em cena: uma linguagem diferente, que incluía a dança, que abordava o universo jovem, enfim, de alguma forma, “éramos nós na tela”: os alunos, como todos os personagens, e eu, como a professora idealista, que conduzia o grupo.

No *site* oficial do filme encontro uma descrição do seu enredo, que reflete o que percebemos:

Este filme é um musical brasileiro a partir da história de dois jovens numa favela carioca. Livremente inspirada em Romeu e Julieta, é um resgate da nossa extrema musicalidade, da atualidade da nossa dança contemporânea e dessa estranha mistura que encontramos hoje nas favelas, onde a violência convive com possibilidades artísticas trazidas por projetos sociais. “Maré, Nossa História de Amor” conta a história de Analídia e Jonatha, dois jovens moradores da Maré, favela carioca que das palafitas dos anos 60 passou por diversos planos de urbanização chegando hoje a uma população de cerca de 140 mil pessoas. A Maré é dividida hoje entre dois grupos que dominam o tráfico de drogas e que talvez se odeiem mais do que à própria polícia. Quem mora num lado da comunidade não pode ter contato com o outro, sob pena de punição. Analídia é prima do chefe do tráfico de um dos lados e Jonatha é amigo de infância do chefe do outro lado. Ambos estudam num grupo de dança patrocinado por uma ONG, que fica exatamente no meio dos dois grupos e é dirigido pela ex-bailarina Fernanda (Marisa Orth). Os absurdos decorrentes de toda essa situação fazem parte desse filme. Como também faz a nossa riquíssima tradição em música e dança. Na proposta de “Maré, Nossa História de Amor” a contribuição milionária de muitos gêneros, numa tentativa de se chegar a uma maneira nossa e contemporânea de trabalhar um musical.⁵

Costumo sempre assistir aos filmes que irei passar aos alunos para que não ocorra nenhum constrangimento com cenas de violência explícita ou assuntos que não são pertinentes a idade abordada. No caso o filme não apresentou nenhuma cena que não pudesse ser vista por eles.

A sessão iniciou, os olhos dos alunos brilhavam a cada nova cena. Quando a música final do filme tocou, observei-os, e eles estavam como eu havia ficado no dia anterior ao assisti-lo: perplexos, emocionados. Estava ali a nossa inspiração. De muitas formas, essa obra nos tocou, nos motivou.

Fizemos um debate após assistirmos a exibição. Os pontos mais importantes a serem comentados foram:

⁵ Disponível em:
<http://www.taigafilmes.com/mare/sobre.htm> (14/12/2010)

- as informações de início e fim do filme, feitas por rádio nessa gravação e por televisão no assistido anteriormente;

- os figurinos bem pontuados, sendo eles separados em vermelhos e suas derivações para os Montéquios e azuis e suas derivações para os Capuletos;

- a relação do baile de máscaras de Shakespeare com o baile Funk do filme;

- o coro ou os narradores sendo feitos por MC's;

- as soluções para as cenas de violência que são substituídas quase que na totalidade por batalhas de HIP HOP, sendo essa a referência mais comentada pelo grupo. Fazendo com que eles percebessem essa relação e gostassem da forma com que a diretora tratou o tema, sem a necessidade de apenas usar cenas de violência e tiroteios. Enfim utilizando-se de uma forma poética para mostrar esse assunto;

- as cenas do texto clássico que são apenas mencionadas são observadas pelo grupo;

- as coreografias, que foram as mais elogiadas pela turma; que já criou essa vontade de dançar em cena;

- como a música pontua e dá o tom dramático e alegre de diferentes cenas;

- os símbolos usados para fazer a aproximação com a obra de Shakespeare, como cada favela sendo uma família, as brigas do passado e do presente e o Frei de Shakespeare, que no filme é representado pela professora que apóia os enamorados;

Naquele momento, a análise da obra foi aprimorada. Da leitura dos figurinos, ao encontro das cenas clássicas, tudo foi pontuado pelos alunos, os olhares se tornaram mais afinados, sensíveis.

Quando a empatia acontece é como no apaixonamento, o corpo se abre para o aprendizado.

1.4 Sentindo o processo

Ser professor é um ato de amor, amar o que se faz, desenvolve naquele que o ouve, ou que o vê uma parte deste amor. Viola Spolin considera que “quando se está envolvido se tem disciplina”. Cito seu esclarecimento no glossário de seu livro *Improvisação para O Teatro*.

Envolvimento: Absorção completa no objeto estabelecido (não em outro atores) (...) entrar completamente no jogo ou exercício; jogar; envolvimento é disciplina; o envolvimento com o objeto cria relaxamento e liberdade para relacionar-se; reflexão e absorção (SPOLIN, 2003, P.339).

Percebo neles essas qualidades, pois quando se faz algo realmente significativo se entrega tudo. No caso dos jovens sujeitos da pesquisa é entregar suas expectativas, sonhos, vontades e músculos.

O ato de criar deixa-os felizes e eu feliz em vê-los nesse processo criativo. É uma troca sem reservas, mesmo aquele que só observa doa seu respeito e sintonia, se entrega filmando o processo, sendo platéia e aplaudindo.

O autor Rubem Alves inspira-me na defesa de uma educação diferenciada, que passa pelo prazer e amor de aprender e ensinar. Em seu livro *Educação dos Sentidos* (2005), ele nos traz diferentes exemplos de educadores com essas qualidades. São citadas as diferentes formas da educação, dos sentidos, e trago essa obra sempre ao meu trabalho na arte.

Quando se admira um mestre, o coração dá ordens à inteligência para aprender as coisas que o mestre sabe. Saber o que ele sabe passa a ser uma forma de estar com ele. Aprendo porque amo, aprendo porque admiro. (ALVES, 2005, p.67).

Através de minhas experiências como educadora pude perceber tais palavras se materializando. De forma que, quando participei de projetos, grupos e turmas, com real amor pelo que tinha que fazer, os resultados foram satisfatórios.

No início do processo de concepção desse trabalho, quando discorri à professora Vera Lúcia Bertoni dos Santos, que mais tarde seria a minha

orientadora, sobre as minhas intenções com o projeto, ouvi o seguinte: “Este é um resultado dos teus esforços e vivências. Hoje tu consegues ver o melhor de seus alunos.” Esta frase me fez pensar que sim, pois sempre me esforcei para ser uma educadora melhor e ver o melhor dos outros. Fico feliz por estar vendo com outros olhos a educação, com “olhos de brinquedo”.

Mas quando os olhos estão na caixa de brinquedo, eles se transformam em órgãos de prazer: brincam com o que vêem, olham pelo prazer de olhar (...) Os olhos que moram na caixa de brinquedo são os olhos de criança (ALVES, 2005,p.14).

É desta forma que vejo meus alunos e a arte com a qual trabalho, com os olhos de quem vê brinquedo em tudo, olhos de criança, olhos de ver oportunidade de aprendizado e de crescimento e com isso de afetar o outro, de convidar a brincar.

Capítulo 2

Quando o “apaixonamento” me tocou

Hoje reflito todo esse processo, pois tomei caminhos difíceis para chegar nesse trabalho. Deixei para traz uma estabilidade funcional justamente pra fazer isso: trabalhar com arte. Quando esta oportunidade de estágio surgiu, eu não imaginava que realizaria um desejo antigo de montar um espetáculo, não somente pela apresentação, mas sim pelo processo que se dá durante a montagem.

A ideia de desenvolver uma prática teatral na sua totalidade, desde a preparação até a montagem e apresentação final de um espetáculo é uma vontade antiga. Enquanto estudante da Educação Básica eu muito desejei que esse tipo de processo ocorresse nas escolas onde estudei, e consegui por vezes realizar pequenas apresentações, pois sempre que haviam trabalhos que pudessem ser encenados eu queria fazê-los desta forma. Então, poder levar uma proposta completa a um grupo de alunos sempre foi um desejo.

Por onde passei, na condição de professora sempre tentei concretizar essa vontade, mas sem sucesso. Ver esse trabalho ser realizado foi emocionante, ver nascer essa montagem foi especial, não importando as dificuldades, os erros, mas sim o que foi aprendido, vivenciado durante todos esses meses.

Outro desejo antigo era aliar o teatro à dança, outra de minhas paixões. Passei a dançar logo após o meu ingresso como estudante do Curso de Licenciatura em Teatro da Uniuersidade Federal do Rio Grande do Sul, ocorrido no ano de 2005. Assim, após alguns cursos de dança realizados em paralelo à atividade discente na universidade, e as aulas de expressão corporal e movimento na própria graduação, pude reavivar esse desejo antigo. E até hoje venho mantendo um grupo de teatro-dança e praticando o balé e a dança contemporânea, sempre que posso. Portanto descobrir que esse grupo tinha também inclinações para a dança me deixou ainda mais maravilhada. Foi um prêmio diante de tantos anos de busca pela arte enquanto profissão e realização pessoal.

A ideia de montar *Romeu e Julieta* veio a agregar grandes paixões: a de ser uma educadora, a de fazer teatro e a de dançar. E o melhor de tudo isso foi que tudo nasceu de um grande improviso, podemos dizer assim, ou seja, nada foi previamente combinado ou pensado; tudo foi surgindo e sendo moldado por nós, meus alunos e eu.

Passei a me observar e questionar o que levava aquele grupo a deixar afetar-se por uma ideia tão diferente das comumente levadas às salas de aula. Em primeiro lugar acredito ter conquistado meus alunos por minha paixão pelo que faço.

Logo que fui contratada pela empresa SESI para ministrar aulas de *Arte e Cultura*, foi como Romeu ao ver Julieta, a paixão tomou conta de mim, era a realização de um sonho, era pra fazer isso que estava estudando, pesquisando, aprendendo. Então cada vez que entrava em sala de aula com minhas turmas, procurava estar de corpo e mente presentes.

Nesse sentido, um fundamento da arte dramática sobre o qual me detenho é a *presença*. Na perspectiva de Spolin:

Atuar requer presença. Aqui e agora. (...) O próprio ato de procurar o momento, de estar aberto ao parceiros de jogo, produz uma força de vida, um fluxo, uma regeneração para todos os participantes (SPOLIN, 2001,p.17).

Estas palavras retratam o que ocorreu nesse processo. Tal qual a cena nos pede essa presença, pois é um dos fatores que faz com que o palco conquiste a plateia, a arte de educar nos solicita o mesmo. Estar frente a frente com os alunos e vê-los como parceiros de jogo, um jogo de ensino mútuo.

Não considere o tempo presente como sendo o tempo do relógio, mas como um momento em que todos estão mutuamente engajados em experimentar, sendo o resultado ainda desconhecido (SPOLIN, 2001, p.17).

Sendo a presença uma necessidade do teatro, este fundamento esteve presente em minhas aulas, com isso acredito ter lançado “redes” e aos poucos o grupo foi se identificando e se abrindo para o trabalho, confiando em uma proposta totalmente nova. Acredito que esses jovens trazem essa perspectiva do estar presente, desta vivência imediata. Me parece que essa é uma característica deles, em específico, pois eles apresentaram esse recurso desde o início. Não que não sejam barulhentos ou indisciplinados, como costumam ser os jovens da sua idade, mas eu diria que produzem um “barulho pedagógico”, um barulho de quem está trabalhando, agindo, vivendo intensamente.



Integração e divertimento.

Logo de início pude perceber que os alunos já tinham habilidades de respeito mútuo, mas mesmo assim foi necessário dimensionar esses valores à prática teatral. Afinal, um trabalho necessita de uma plateia e se pôr à frente dela não é uma atitude fácil. Nesse sentido trabalhei nos alunos o entendimento de ser e de fazer para a plateia, pois “a plateia é o membro mais reverenciado do teatro. Sem plateia não há teatro. Ela dá significado ao espetáculo”(Spolin, 2003, p.345).

Trabalhar o olhar do aluno como expectador é fundamental para um processo de entendimento do que é o teatro. Para isso, foi importante desenvolver a confiança tanto nos alunos quanto em mim. Acreditar que poderiam realizar o todo e acreditar que eu poderia ajudá-los nessas descobertas. Precisávamos todos nos abrir ao desconhecido, como se faz quando se está apaixonado, tema da obra escolhida para o trabalho.

O professor que mostra a coisa ao discípulo e sorri enquanto aponta,
Que diz: “Prestem atenção! Ouça esta música é bonita.” Que toca mansamente com as mãos,
Que lê um poema para seus alunos e se sente possuído,
Está ligando o seu rosto, como memória poética, à coisa.
E assim ele é o alquimista que opera a transubstanciação dos sentidos.
E o mundo se enche de alegrias ausentes (ALVES, 2005,p.18.)

Refletindo sobre este poema encontro amparo ao meu sentimento, de que minha vontade e minha paixão pelo que faço tenham contribuído para a conquista do outro, nesse caso o grupo em questão.

Lembro-me de minha professora de língua portuguesa da quinta a oitava série, Jane Mari de Souza, pois ela tinha esse brilho no olhar, esse incentivo a todo o momento. Foi ela que me amparou no desejo de leitura; foi ela também que trouxe o primeiro oficinairo de teatro à escola em que eu estudava, pois eu tinha já este desejo pelo teatro e ela como grande educadora, buscou incentivar meus sonhos.

Nenhum integrante do grupo estudado manifestou ainda desejo de ser ator ou atriz, porém sinto que essa experiência de montagem foi uma semente de sonho plantada em suas vidas. Através dela puderam acreditar em algo fora

dos padrões esperados e concretizar essa façanha. Tal semente plantada em mim há tanto tempo hoje dá fruto a novas plantações.

Capítulo 3

O olhar de Romeu e Julieta

A peça Romeu e Julieta até hoje causa impacto naqueles que a assistem. Em mais de cinco séculos de realização o texto tem sido adaptado nos infinitos campos e áreas do teatro, cinema, música e literatura. Os temas amor trágico e amor *versus* ódio, são contemporâneos, o que faz esse texto falar aos corações até a atualidade. Diferentes montagens e leituras retomam a eternidade desta obra, que vão do clássico à livre inspiração.

3.1 O enredo da peça original

A trama passa-se em Verona, Itália, por volta do ano 1500 e trata do amor de um casal de jovens (Romeu e Julieta), que apesar de serem provenientes de famílias rivais, se apaixonam.

As famílias, Montéquios e Capuletos, são inimigas há muitos anos. Num dado momento, os Capuletos dão uma grande festa para a qual convidam todos os amigos da família. E, é evidente, a família dos Montéquios não faz parte da lista dos convidados. Entretanto, como Romeu anda interessado em Rosaline, uma jovem que foi convidada para a festa, ele arranja um plano para poder vê-la durante essa festa. Assim, Romeu entra disfarçado na casa dos inimigos da sua família.

Já lá dentro, a sua atenção volta-se para Julieta, e não para Rosaline. Apaixona-se de imediato e fica muito desiludido quando sabe que Julieta é uma Capuleto. Romeu também não passa despercebido a Julieta, mas ela não sabe que ele é um Montéquio. Mais tarde, depois de descobrir que o jovem por quem está apaixonada é o filho da família inimiga, Julieta vai para a varanda e conta às estrelas que tem um amor proibido. Romeu, escondido entre uns

arbustos, por baixo da varanda, ouve as confissões de Julieta e não resiste, apresenta-se a ela e diz-lhe que também está apaixonado.

Com a ajuda de Frei Lorenço, um amigo de Romeu, os jovens casam-se secretamente. No dia do casamento, dois amigos de Romeu, Benvolio e Mercucio, passeiam pelas ruas de Verona e encontram-se com Teobaldo, primo de Julieta. Teobaldo, que ouvira dizer que Romeu tinha estado presente na casa de seus tios, anda a sua procura, para se vingar, e discute com os amigos de Romeu. Entretanto Romeu aparece e faz perceber que não quer se meter em brigas. Porém, os seus amigos não percebem a atitude de Romeu e Mercucio resolve defender a honra do amigo. Começa então um duelo com Teobaldo. Mercucio cai por terra, morto. Romeu vinga o seu amigo matando Teobaldo com um golpe de espada. Este golpe faz com que Romeu seja ainda mais odiado pelos Capuletos. O príncipe de Verona expulsa Romeu da cidade, que se vê forçado a deixar Julieta, que sofre imensamente com toda essa história. O pai de Julieta, que não sabia do seu casamento com Romeu, resolve casá-la com um jovem chamado Paris. Desesperada, Julieta pede ajuda a Frei Lorenço, que a aconselha a concordar com o casamento. Diz-lhe que na manhã do casamento Julieta deverá beber uma poção que ele lhe vai preparar. A poção fará com que ela pareça morta e com isso será levada para o jazigo de família dos Capuleto. Então o Frei mandará Romeu ter com ela para salvá-la. Julieta faz tudo, conforme manda o Frei, e é deixada no jazigo, tal como estava previsto. Entretanto, antes que o Frei possa falar com Romeu, este ouve a notícia da morte de Julieta. Desfeito de dor, Romeu compra um frasco de veneno e vai até ao jazigo, onde encontra Julieta, para morrer ao lado da sua amada. À porta do jazigo encontra Paris e é forçado a lutar com ele, acabando por matá-lo, pois nada o poderá deter de se juntar a Julieta. Já dentro do jazigo, Romeu bebe o veneno e morre ao lado da sua amada. Momentos depois, Julieta acorda e vê, ao seu lado, o corpo morto de seu marido. O Frei entra e conta a Julieta o que se passou. Inesperadamente, Julieta pega no punhal de Romeu e mata-se, pois já não tem motivos para viver. A tragédia tem um grande impacto em ambas as famílias, que de tão magoadas com a morte dos seus dois únicos descendentes, decidem nunca mais lutar e fazem as pazes.

Capítulo 4

O processo e a espontaneidade

Se o professor ensina algo, ele precisa questionar-se o que é isso que ele ensina. Se o professor pretende ensinar algo, ele precisa saber esse algo que pretende ensinar. Ele precisa questionar-se a respeito de como sabe aquilo que pretende ensinar. Precisa questionar-se também se sempre soube o que sabe e aquilo que ensina (...)Estou ensinando, pesquisando, tentando fazer aprender e tentando fazer pesquisar. Ensinar pressupõe, como diz o dicionário, “uma ciência, uma arte, uma técnica, uma disciplina”. E, para poder ensiná-la, é preciso conhecê-la. Então, professor é aquele que ensina o que sabe, o que ele próprio aprendeu. Estamos diante de um novo questionamento: para ensinar basta saber algo ou é necessário saber também o como ensinar esse algo? E para ir mais longe, podemos questionar se para ensinar basta lembrar-se do próprio processo de aprendizagem daquilo que se está querendo ensinar. O professor, às vezes, se lembra do seu próprio processo de aprendizagem. Mas não se lembra do suficiente, a respeito de seu próprio processo de aprendizagem, para que possa ensinar(BECKER e MARQUES, 2001,p.55, 56).

4.1 A atitude reflexiva do educador

Manter uma atitude reflexiva foi uma conduta que tentei ter junto a tudo que acontecia nessas aulas. Busquei usar e questionar meus conhecimentos adquiridos bem como produzir novos saberes. A atitude de aprendizado não poderia ser apenas dos alunos, pois acredito que o professor deva se colocar no lugar de aprendiz e buscar novos rumos. A atitude questionadora fez parte de meu processo, apaixonei-me sim pelo que vivi junto a esse grupo, porém mantive o olhar crítico e a condução do trabalho, quando necessário.

4.2 Oficina

O processo iniciou de uma forma única que uso para todas as turmas, propondo que se escolha uma forma de arte para aprofundar. Porém, inicio as oficinas sempre com técnicas teatrais de trabalho de grupo, noção de equipe e jogo.

Nesse grupo encontrei alunos que já haviam tido aulas de teatro, uma jovem que havia feito dois anos de dança de salão e alguns outros que tinham

experiências com bateria, violão, percussão. Uma turma que já apresentava sensibilidade as diferentes artes.

Um jogo utilizado nesse primeiro momento foi o jogo “Detetive”.

O DETETIVE

Nº de participantes:

todos do grupo.

Formação:

no principio em círculo, depois caminhando pela sala.

Objetivo do jogo:

que o “detetive” encontre o “assassino” e para o “assassino” pegar o maior número de “vítimas”.

Desenvolvimento:

o jogo inicia com o grupo em círculo fechado, ombro com ombro, de costas para fora da roda, todos com os olhos fechados. Então faz-se a escolha de um jogador para ser o detetive e outro para ser o bandido, os demais jogadores serão vítimas. Essa escolha é feita com um sinal. Se o orientador toca as costas de um aluno este será o detetive, encostando no braço de outro aluno este será o bandido. Então o orientador narra uma história de suspense que fala das mortes de várias vítimas. A forma desse vilão “matar” suas vítimas é através de uma piscada que deve se dar sem que o detetive perceba, enquanto todos caminham pela sala. Quando o detetive perceber quem é o assassino deverá prendê-lo, segurando-o pelo braço.

Esta atividade foi muito bem aceita pelo grupo, certamente por sua característica dinâmica e desafiante. Spolin já refletia sobre esse aspecto em sua teoria, nos fala desse momento do jogo em que as pessoas estão envolvidas e “divertindo-se ao máximo e recebendo toda a estimulação que o jogo tem para oferecer”, esses pontos certamente se repetiram muitas vezes durante as aulas.

Nas minhas anotações daquele dia constava o elogio “maravilhosos”, essa foi a minha primeira impressão desse grupo. Aula a aula fui percebendo que já estavam bastante disponíveis e, mesmo ainda não estando muito a vontade com as propostas, se lançavam às tarefas.

As atividades pensadas para toda a oficina de iniciação teatral tinham como base a teoria de Spolin, que se encaixavam plenamente com as minhas necessidades de trabalho com esse grupo, principalmente pela forma que a autora propõe a condução das oficinas que se dá através da instrução.

Um auxílio dado pelo professor-diretor ao aluno-ator durante a solução do problema, para ajudá-lo a manter o foco; a maneira de dar ao aluno-estar identidade dentro do ambiente teatral; uma mensagem ao todo orgânico; um auxílio para ajudar o aluno-ator a funcionar como um todo orgânico(SPOLIN,2003, p.341).

Conforme a teoria seguimos com a busca da compreensão de *Jogo*, que já se apresentava nos primeiros exercícios, sendo ele para a autora “uma atividade aceita pelo grupo, limitada por regras e acordo grupal; onde divertimento, espontaneidade, entusiasmo e alegria acompanham esses jogos(...)” (Spolin,2003,p.342).

Podia-se observar o crescimento desse grupo durante as aulas. Uma das características que o conduziu até o trabalho final foi a *Expressão de grupo*. Que é um dos pontos que reflete como o teatro é um fazer de muitas pessoas, parte do esforço particular, mas que conta com os que jogam juntos, “indivíduos trabalhando interdependentemente para completar um projeto”(2003).



Expressão de grupo e alegria expressos aqui.

Diferentes jogos podem ser exemplo das habilidades que foram trabalhadas no período que chamamos de “oficina de iniciação teatral”. Um exemplo é a atividade intitulada “A máquina”.

A Máquina

Nº de participantes:

Quantos desejarem participar por jogada.

Objetivo do jogo:

Desenvolver uma engrenagem com pessoas/alunos, mostrando diferentes movimentos.

Desenvolvimento:

Um aluno/jogador deve criar uma movimentação, um outro jogador deve entrar e criar outra movimentação a partir da primeira e assim os outros devem entrar no jogo criando uma engrenagem, como se fosse uma engrenagem de máquina.

Obs: Algumas sugestões de títulos para provocar as engrenagens “Máquina de transformação” (onde de um lado entra uma caneta e do outro lado sai uma vassoura) ou “Máquina do rejuvenescimento”.

Já nesse momento comecei as orientações sobre a relação *Palco/Platéia*, sendo o palco o espaço onde acontece o jogo e a plateia aqueles que compartilham a experiência teatral. Segundo Spolin, “ Quando a platéia é entendida como sendo uma parte orgânica da experiência teatral, o aluno-ator ganha um sentido de responsabilidade para com ela, que não tem nenhuma tensão nervosa”.

As aulas passaram a desenvolver esse conceito, tanto o jogo entre os alunos-atores quanto o jogo para quem os assiste, a platéia.

Diferentes pontos foram trabalhados e o grupo foi desenvolvendo corpos mais presentes e mais preenchidos pela ação. O processo de trabalho contou com muitas influências positivas, a qualidade desses jovens, a compreensão e apoio da escola e o espaço que tínhamos para trabalhar. Aspectos estes que contribuíram muito no todo.

Um dos exercícios feitos que produziram grandes resultados no trabalho, foi uma atividade improvisacional vivenciada nas aulas de Sergio Lulkin, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na disciplina *Estágio um*, que propunha que os jovens entrassem na atmosfera do filme assistido: *Romeu e Julieta de Bhaz Lhurmann*.

O Baile

Nº de participantes:

Todos da turma.

Objetivo do jogo:

Fisicalizar as sensações da músicas, buscando trazer a atmosfera de um clássico baile de máscaras.

Desenvolvimento:

Os alunos/jogadores devem, a partir de uma caminhada, criar uma movimentação, de acordo com as músicas ouvidas. Criando um universo de festa solene, de baile. Improvisando assim “um grande salão”, onde cada convidado vai chegando, um de cada vez, e se apropriando do espaço, se relacionado com aqueles que já estão em cena.

Através da música e do que ela pode proporcionar (sentimentos, sensações), os alunos foram levados a descobrir como era estar em um baile de máscaras, como era estar em uma festa de outro tempo, como era emprestar seu corpo a contar a história de outros. Para isso foram utilizadas músicas diversificadas, começando com sons dos anos sessenta, passando pelo tango argentino, pelas valsas e finalizando com uma pitada de modernidade, com músicas lentas de cantoras atuais. A relação do som com sua impressionante capacidade de condução, de sublinhar emoções, levou esses meninos e meninas a descobrirem outras atmosferas.

Quando todo o grupo já estava habituado a este *Onde*, pude propor *O quê* iria acontecer. Sugeri então que uma figura feminina da alta sociedade, com todas as suas pompas, descesse as escadarias. A proposta era trazer as emoções e sensações para o exterior. Nesse momento coloquei músicas que trouxessem o tom solene de uma cerimônia.

No primeiro momento que coloquei a informação sobre o *O que* estava ocorrendo, apenas quatro alunos entraram no jogo. Ao perceber isso pedi que prestassem atenção à música (uma valsa). Nesse instante o aluno F. criou a seguinte ação: ele se dirigiu ao local fictício da escadaria, pegou a figura imaginária pela mão e a conduziu pelo salão, como se mostrasse-a para todos. Solicitei então a esse aluno que retomasse a ação e instruí o grupo que seu foco era a figura imaginária e que eles deveriam mostrá-la à plateia. Questionando-os sobre quem e como ela era, mostrando-a através do olhar. Esta instrução foi fundamental para a organização da cena. O grupo conseguiu atingir as propostas e o clima solene instalou-se.

Com o estímulo de uma música mais romântica pedi que todos se sentissem “Romeus” e “Julietas” em busca de seus amores. Nesse momento já havia o meu interesse de observar os atores para tais papéis, de forma que fui conduzindo o exercício na intenção de ampliar o que percebia em cada um dos alunos.

Com a atividade em andamento, a instrução foi para separar o baile em dois grupos, conforme fosse pondo as músicas deveriam improvisar entre os companheiros de grupo. Em seguida propus que improvisassem uma disputa musical. Essa tarefa foi inspirada nas cenas do segundo filme assistido. Neste momento combinei com a turma alguns minutos de preparação para a cena.

No retorno a atividade cada grupo escolheu sua música para a apresentação e neste momento pude perceber o “espírito” da peça sendo desenhado.

Eles ficaram frente a frente, com uma certa distância entre eles. O primeiro grupo iniciou sua apresentação, eram movimentos fortes, coreografados, os cinco garotos criaram uma apresentação que provocava o outro grupo. O outro desenvolveu movimentos mais calmos com uma coreografia mais lenta sendo assim uma batalha de estilos.

Foi um grande momento. Nitidamente podíamos dizer que os mais agressivos e provocativos eram os garotos do lado de Romeu e os mais calmos e leves o lado de Julieta. O ápice do exercício foi o momento em que, após alguns movimentos de cada lado, o grupo de Romeu iniciou um som associado ao movimento, o que repercutiu no outro grupo. Esse jogo fez com que todos eles se envolvessem e criassem um som maior e coletivo.

Este ponto do trabalho foi crucial para que eu, enquanto professora diretora desse grupo, entendesse o quanto a musicalidade estava presente nesses jovens. Os movimentos, a agilidade, os tons, todos expressos na prática teatral. A música compreendeu o racional desta composição, já a musicalidade foi a emoção refletida a partir dela. E este é o ponto que me chama a atenção, o caminho que todo o processo começou a trilhar.

A turma conseguiu manifestar através da dança características dos grupos, e a partir delas comecei a desenvolver a idéia de lados opostos, do enfrentamento, da dança como representante desta batalha.

Fui ficando realmente empolgada, pois meus alunos apresentavam o que eu esperava como uma educadora teatral. Eles demonstravam espontaneidade.

As improvisações já começavam a surgir dando forma ao texto escolhido. Algumas atividades foram pensadas para desenvolver o Foco no jogo e a concentração no presente, o conceito de *Fisicalização*.

Mostrar e não contar; a manifestação física de uma comunicação; a expressão física de uma atitude; usar a si mesmo para colocar um objeto em movimento; dar vida ao objeto; “Fisicalize este sentimento! Fisicalize este relacionamento! Fisicalize esta máquina de fliperama, este papagaio de papel, este peixe, este objeto, este gosto etc.!”

representar é contar , fiscalizar é mostrar; uma maneira visível de fazer uma comunicação subjetiva(SPOLIN, 2003,p. 340).

Uma das propostas foi o jogo do espelho onde cada aluno deveria brincar em frente a sua dupla, como se estivesse frente a um espelho. Spolin sugere esse jogo propondo que se observe o corpo todo, que se mantenha o espelho entre os jogadores e que se trabalhe com movimentos amplos. Os jogadores desta turma desempenharam bem a proposta, no geral criando boas ações.

A proposta seguinte foi o jogo do espelho em grupo, que tem o mesmo principio, mas, como é jogado em círculo, propõe que se veja uma mesma ação de diversos ângulos, e espelhada de maneiras diferentes por ser vista de formas diferentes. O jogo também trabalha as questões de libertação da aprovação/reprovação, como explicado por Spolin, um estado de liberdade pessoal que não espera julgamento. Este aspecto foi pontuado por diversas vezes a naturalidade das ações e a naturalidade no olhar dos que recebem as imagens, de forma a acostumarem-se com a expressão do outro.

Todos esses jogos puseram o grupo em grande disponibilidade para o processo de criação.

4.3 A escolha do texto

Às vezes, observando e ouvindo, é um única palavra ou frase que nos dá o estalo; outras vezes é simplesmente um sentimento não-verbal que se desenvolve. O diretor pode encontrar o tema antes dos ensaios se iniciarem, ou muito depois de ter avançado neles(SPOLIN,2001,p.29).

O texto escolhido para este trabalho foi, desta forma citada pela autora, em um estalo. A partir de um exercício de leitura dramática, onde diversos textos foram explorados, Romeu e Julieta foi o eleito.

De forma bastante natural os alunos foram dando sugestões de como trazer a trama para a atualidade. Naquele momento percebi que os alunos haviam simpatizado com a história.

Desde o primeiro instante trabalhamos com improvisações a partir dos trechos da obra que havíamos lido. Esse processo de aproximação lenta fez com que o grupo fosse se apropriando da obra progressivamente.

Observar e ouvir, como citado por Spolin, foi uma atitude permanente de minha conduta como professora/diretora, mantive-me atenta para saber quais eram os trechos do texto que eles realmente estavam gostando e pondo em suas improvisações. A busca pelas ações, como primeiro passo, e após a colocação do texto, foi uma decisão acertada pois essas se sobressaíam. O que acabou resultando em um trabalho envolvente e dinâmico.

4.4 Afinando o espetáculo

A apresentação leva à fruição de todo o processo criativo de fazer uma peça e platéia deve ser envolvida neste processo. A platéia é o último raio que completa a roda, e sua relação não apenas com a peça mas também com a atuação é da maior importância. A resposta da platéia pode ajudá-lo a avaliar a sua produção (SPOLIN, 2001, p.109).

Após termos passado pelo processo de escolha do texto começamos a ensaiá-lo. Isso se deu de uma forma que beneficiasse a livre criação, estimulando a dinamização do que haviam lido através da improvisação. Obtivemos assim a primeira cena, que foi a cena do baile, elaborada a partir desse exercício. As outras cenas foram surgindo a partir dessa mesma técnica.

O espetáculo contava com cenas coreografadas e sem a presença de textos, e com outras extremamente teatrais. Estas necessitavam de uma atenção especial, pois precisávamos afinar as falas e também as marcações. Afinal as cenas coreografadas estavam cada vez mais orgânicas.

Cada ensaio era realizado de forma cumulativa, ou seja cena por cena. Só passávamos para a cena posterior após a que estávamos ensaiando estar bem encaminhada. Aquecimentos e dinâmicas eram realizados no início de cada sessão de trabalho, fazendo com que os jovens despertassem a sua espontaneidade. Com o passar do tempo os alunos já administravam o seu

próprio aquecimento. Isso fez com que toda essa dedicação resultasse na peça pronta cinco encontros antes da estréia. Necessitando apenas revisá-la e acertar os pormenores.

Os figurinos foram escolhidos de forma que simbolizassem cada família. Sendo que a dos Montechios utilizava trajes vermelhos e a dos Capuletos utilizava trajes azuis. Fazendo com que a platéia identificasse corretamente cada grupo.

O cenário também foi escolhido de forma que demonstrasse a cultura Hip Hop. Trazendo grafitis feitos pelos alunos.

Todo esse processo de afinação do espetáculo resultou em uma apresentação encantadora. A platéia emocionou-se com que presenciou e aplaudiu de pé o trabalho realizado por esses jovens artistas.

4.5 Emoções do processo

:

Estar frente a frente a esses jovens fez, em muitos momentos, a emoção surgir em nossos olhos e corações. Por vezes uma música, por outras uma improvisação, ou ainda na reflexão do que estávamos fazendo.

Durante estas aulas, da oficina de iniciação teatral, algumas técnicas foram utilizadas, outras puderam ser aprofundadas e até mesmo serem completamente modificadas durante a prática. Tudo se deu dessa forma pois estávamos a maioria do tempo presentes e felizes com o que desenvolvíamos.

Cada jovem entregou de maneiras diferentes o que podia para que o trabalho saísse da melhor maneira possível, mas posso afirmar que eles não se sentiam forçados a fazer nada, percebia-se que eram desejosos de seguir trabalhando no espetáculo. Por vezes foram repreendidos por atrasos em função de querer ficar na aula de teatro.

Ao entrevistar esses alunos antes e depois do trabalho concluído pude perceber que as suas expectativas foram alcançadas, ou mais, foram ultrapassadas. Muitos diziam, quando questionados sobre o que esperavam do processo, que “ia sair uma peça legal” ou “gosto muito de ter as aulas de teatro”. Após apresentarem foram novamente indagados e as respostas mostravam a riqueza que construíram ao longo da oficina:

Meu nome é C. eu faço parte de um grupo muito legal, no começo do teatro eu achava o Romeu e Julieta meio estranho meio chato, mas com o passar do tempo nós fomos cada vez mais entrando na peça e se apegando mais um ao outro. Tanto que agora no final do ano vai ser muito difícil da gente se separar. Eu espero que ano que vem a gente também consiga fazer uma peça, por que neste ano eu aprendi muitas coisas.(C. 15 anos)

Também é possível refletir sobre o crescimento individual dos alunos, a superação das dificuldades, dos medos. Verificar junto a eles como cada um se desenvolveu dentro do processo de trabalho e de busca do seu melhor para cena. A própria Julieta é um bom exemplo de superação dentro desse trabalho. Sua fala nos traz um pouco do que ela teve que investir para ser a protagonista dessa peça.

(...) gostei muito de fazer essa peça, no início eu pensei que não ia conseguir, mas eu” tirei lá de dentro” e cosegui graças a Deus. E a Sora Sheila sempre me dando força do meu lado. Na hora eu pensei em tudo que ela fez por nós, no trabalho lindo que ela fez com a gente, (...) eu gostei muito de fazer a peça(S. 14 anos).

Mesmo com sua fala coloquial e simples a aluna consegue mostrar o quanto precisou esforçar-se para realizar o que lhe foi proposto. Ela pode, como seus colegas, vivenciar uma frase de Spolin “Coloque a sua vitalidade e vida no seu personagem, não suas emoções e ou sentimentos. Jogue com as emoções ou sentimentos do seu personagem.” Esses alunos puderam emprestar seus corpos a uma história, contando-a de forma dinâmica.

Em Spolin encontro um capítulo que transparece esse momento vivido por todos nós durante o processo de montagem.

“ Inspiração” é sempre um termo vago. Contudo, sabemos que atrás existe alguma coisa e que, no caso de um diretor, sua presença ou ausência pode ser prontamente notada pela observação daqueles que estão à sua volta. A característica mais aparente da inspiração pode ser “alcançar o que está além do seu próprio eu” ou, mais profundamente, o seu próprio eu. As pessoas inspiradas podem andar pela sala ou falar animadamente. Os olhos brilham, as idéias saltam, e o corpo relaxa as tensões. Se muitas pessoas estiverem inspiradas simultaneamente, então o próprio ar à sua volta parecerá brilhar e dançar de entusiasmo(SPOLIN, 2003,p.296/297).

Isso certamente foi o que ocorreu com todos os envolvidos nessa montagem. A inspiração se deu. O entusiasmo, a alegria, a animação contagiaram pouco a pouco todo o entorno desse trabalho, tanto que os que assistiram ao espetáculo e os que viram o vídeo, que resultou desta apresentação, se emocionaram ao perceber os resultados, certamente “o próprio ar à volta” do nosso Romeu e Julieta estava a brilhar e a dançar. Dançava tanto quanto os alunos/atores em cena.

Capítulo 5

Conclusões do processo

Um dos *Sete Aspectos da Espontaneidade* que a autora cita é a *Transposição do Processo de Aprendizagem para a Vida Diária*, este reflete sobre a maneira com que o teatro se funde com a vida daqueles que o praticam, como essa arte promove trocas entre a vida da oficina ou sessão de trabalho e a vida cotidiana. Desenvolvendo o olhar, a sensibilidade, deste ator para o mundo.

Quando isto é aprendido dentro do mundo do teatro, produz simultaneamente o reconhecimento e contato puro e direto com o mundo exterior. Isto amplia a habilidade do aluno-ator para envolver-se com seu próprio mundo fenomenal e experimentá-lo mais pessoalmente . Assim a experimentação é a única tarefa de casa(...)Quando o aluno vê as pessoas e as maneiras como elas se comportam quando juntas, quando se vê a cor do céu, ouve os sons no ar, sente o chão sob seus pés e o vento em sua face, ele adquire uma visão ampla de seu mundo pessoal e seu desenvolvimento como ator é acelerado(SPOLIN, 2003,p.13).

A vivência aqui descrita e transposta foi de grande importância para todos os envolvidos. Esses jovens tinham algo a comunicar e através do teatro puderam se expressar, mostrar do que eram capazes. Eu estava pronta para ouvi-los e este fato fez com que esse projeto alcançasse seu objetivo maior, que era sensibilizar os que nos assistiram.

Quando questionada sobre os reflexos deste trabalho sobre essa turma de curso técnico, a coordenadora do núcleo de educação do SESI, pedagoga

Liége Teixeira abordou justamente o que se desenrolou com estes jovens, “o impacto (do projeto sobre os jovens) está no conhecimento do desconhecido pois acredito que esta abordagem cultural não tenha sido uma vivência em suas práticas escolares. Além disso houve a descoberta de talentos, a grande qualificação em relação as formas de expressão diante do outro e o relacionamento interpessoal.”

Pude verificar que tanto as minhas expectativas quanto a de outros envolvidos foram superadas. Foi visível o quanto cada aluno se envolveu e cresceu. “Sabemos o que somos, mas não sabemos o que poderemos ser” (SHAKESPEARE, 1978). A frase de Shakespeare que iniciou a reflexão desse trabalho, o finaliza justamente relatando no que nos transformamos.

Sensibilidade, disponibilidade, respeito e entrega foram pontos alcançados pelo grupo. Agora nos questionamos: O que seremos nós amanhã? Para onde vai esse conhecimento adquirido? Como esse aprendizado se refeletiu em seus cotidianos? Certamente o orgulho e a dedicação de todos se refeletrá em suas vidas futuras, quanto ao seu envolvimento com outras causas.

Alguns professores exercitam este olhar além do que esta aparente, eu, assim como esses, consegui ler esses corpos compreendendo o que e como queriam se expressar.

O que será de nós amanhã? Faço minhas as palavras do ator que interpretou Romeu em nossa montagem. “Esse trabalho, que foi feito com dedicação de um ano, foi um exercício de entrega. Pois nós, os alunos em questão, nos lançamos de cabeça no projeto sem saber o que seria o amanhã. Fizemos tudo isso para uma única apresentação. Mas acredito que esses talentos não podem ser desperdiçados. Espero que continuemos a nos apresentar.”(D.16 anos)

Além desse aluno, outros manifestaram a mesma intenção de continuar com o espetáculo e as oficinas.

Encerro esse trabalho de conclusão com sorriso largo de orgulho, por ter vivenciado, aprendido e me apaixonado por esse projeto. Faço minhas as palavras de Mozart.

"Para fazer uma obra de arte não basta ter talento, não basta ter força, é preciso também viver um grande amor." Wolfgang Amadeus Mozart



Educar... Aprender...

Referências

BECKER, Fernando. MARQUES, Tânia Beatriz Iwaszko.(org.) **Ser professor é ser pesquisador**. Porto alegre: Mediação, 2010.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Cor, som e movimento**: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança. Porto Alegre: Mediação, 2004. 4ª ed.

CUNHA, Carlos de Almeida. MENDES, Oscar. **William Shakespeare**. São Paulo: abril Cultural, 1978.

CAVASSIN, Juliana. Perspectivas para o teatro na educação como conhecimento e Prática Pedagógica. In: **Revista científica, FAP**. v 3, p. 39-52, jan/dez 2008, Curitiba, Imprensa Oficial do Paraná, 2008.

FREIRE, Paulo. **Caderno Pedagógico Aprendendo/Ensinando Paulo Freire**. Porto Alegre, Governo do Estado do RS, 2001.

LAZAROTTI, Adriane Abrantes. BRAGA, Maria Alice. **O texto dramático e a obra Romeu e Julieta de William Shakespeare**. Disponível em:
<http://guaiba.ulbra.tche.br/pesquisas/2009/artigos/letras/salao/467.pdf>

MACHADO, Maria Clara. **Cadernos de teatro**. Disponível em: 1972.
http://www.bernardojablonski.com/pdfs/graduacao/teatro_na_educacao.pdf

REVERBEL, Olga. **O teatro na sala de aula**. Rio de Janeiro: J Olympio, 1979. 2ª ed.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. **Brincadeira e conhecimento**: do faz de conta à representação teatral. Porto Alegre: Mediação, 2002. 2º ed.

_____. **Teatro na Escola**: formas de abordagem e condições de emergência. In: Revista da Fundarte: 2006, v.6 n.11/12 jan/dez. Montenegro: Fundação Municipal de Artes de Montenegro, 2006.

_____. Atenção! Crianças brincando! In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da. (org.) **Cor, som e movimento**: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança. Porto Alegre: Mediação, 2004. 4ªed.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. **Jogos teatrais**: o fichário de Viola Spolin. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. **O Jogos teatral no livro do diretor**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

Anexos



Oficinas e Ensaios









Apresentação Final



